

## A POLÍTICA EXTERNA DA TURQUIA NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: O CASO DA BATALHA DO CÁUCASO.

Lorran Ícaro Moreira de Lima<sup>1</sup>

Elitza Lubenova Bachvarova<sup>2</sup>

### Resumo:

Depois da conclusão do Tratado de Lausanne, bem como antes e no decorrer da Segunda Guerra Mundial, a Turquia conduzia sua política externa no sentido de manter neutralidade e evitar participação no conflito mundial. O artigo dedica-se a traçar um panorama histórico, analisando, à luz de documentação diplomática, os interesses dos Aliados e do Eixo na Turquia e as pressões a que a Turquia foi submetida entre 1941 e 1943 para entrar na Guerra. O artigo discute a importância da Batalha do Cáucaso na definição das consequências do alinhamento da política externa da Turquia na Segunda Guerra Mundial.

**Palavras-Chave:** Política Externa Turca; Batalha do Cáucaso; Segunda Guerra Mundial; Diplomacia soviética; Diplomacia alemã; Diplomacia britânica.

### Abstract:

After entering the Treaty of Lausanne, as well as before and during World War II, Turkey was conducting its foreign policy, with the purpose to maintain neutrality and avoid participation in the world conflict. The article sketches a historical panorama, analyzing, in the light of diplomatic documentation, the Allied and the Axis interests in Turkey and the pressures Turkey suffered between 1941 and 1943 to enter the War. The importance of the Battle for the Caucasus which defined the Turkey's ultimate foreign policy alignment in World War II is also discussed.

---

1. Graduando de Relações Internacionais pela UFRJ, Membro do GPPI e do LEPCáucaso, Bolsista PIBIC/CNPQ do Laboratório de Estudos dos Países do Cáucaso, e-mail: lima.lorran@gmail.com.

2. Orientadora, Professora adjunta, doutora em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: elitzaib@gmail.com

**Keywords:** Turkish Foreign Policy; Battle for the Caucasus; Second World War; Soviet diplomacy; German diplomacy; British diplomacy.

## 1 - Introdução:

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Turquia optou pela neutralidade, mantendo relações de não-beligerância tanto com os Aliados, quanto com as potências do Eixo, a fim de não se envolver diretamente na guerra. Para assegurar uma postura de equidistância e de não envolvimento no conflito mundial, a Turquia estabeleceu um triplo pacto de amizade e não-agressão com a Grã-Bretanha e a França em 1939<sup>3</sup> e, em seguida, um pacto de amizade e não-agressão com a Alemanha nazista, em 1941<sup>4</sup>.

Desenvolvendo este vetor da política externa, a diplomacia turca conseguiu, durante a Segunda Guerra Mundial, manter relações amigáveis ou neutras, tanto com os Aliados, quanto com o Eixo, de 1939 até 1945. Os Aliados, sobretudo, a Grã-Bretanha, por um lado, e a Alemanha nazista, por outro, exerceram fortes pressões para que a Turquia entrasse na Guerra. Quando os alemães começaram a se expandir em direção aos Balcãs em 1940, a Turquia passou a ser pressionada pela Grã-Bretanha para se opor a esta expansão. Quando os alemães conseguiram se expandir para todo o sudeste da Europa até alcançar as fronteiras da Turquia, o governo de İsmet İnönü, ameaçado e pressionado, assinou o tratado de amizade e não agressão em junho de 1941 com a Alemanha nazista.

---

3. Treaty of Mutual Assistance between His Majesty in respect of the United Kingdom, the President of the French Republic and the President of the Turkish Republic. 1939. Disponível em: <<http://treaties.fco.gov.uk/docs/pdf/1940/TS0004.pdf>>. Acesso em: 26/05/2018.

4. Treaty of Friendship Between Germany and Turkey June 18, 1941. Disponível em: <<http://avalon.law.yale.edu/wwii/turger41.asp>>..

Após a Alemanha romper o tratado de não-agressão Molotov-Ribbentrop<sup>5</sup> e atacar a URSS em primeiro de março de 1941 e a Iugoslávia ser invadida pelo Eixo em abril de 1941, a expectativa da coalização anti-Eixo de que a Turquia se juntaria aos Aliados diminuiu. Contudo, a preocupação do governo soviético de que a Turquia poderia entrar na Guerra ao lado das potências do Eixo aumentou, sobretudo, desde os meados de 1942, quando a Alemanha e seus aliados começaram uma ofensiva estratégica em direção do sul do país, em direção ao Cáucaso do Norte e ao Cáspio. As vitórias soviéticas em Stalingrado e no Cáucaso, afastaram a possibilidade de aliança da Turquia com as potências do Eixo e o governo turco passou a ser pressionado para entrar na guerra do lado dos Aliados. A diplomacia turca resistiu a estas pressões até 1944 – quando a Turquia encerrou suas relações diplomáticas com a Alemanha – e em 1945 declarou guerra às potências do Eixo. A política externa, baseada na neutralidade ativa da Turquia, permitiu que o país não entrasse na Guerra, evitando consequências catastróficas em decorrência da participação do conflito mundial.

## **2 - Interesses e pressões diplomáticas da Alemanha, da Grã-Bretanha e da URSS sobre a Turquia em 1941**

A situação nos Balcãs estava se deteriorando, principalmente após a Bulgária – que até então havia mantido sua neutralidade – aderir ao Eixo em 1º de março de 1941. Neste contexto, a Turquia esteve ameaçada por uma possível invasão por parte da Alemanha nazista, o que a levou a negociar a conclusão de um pacto de amizade e não-agressão entre os dois países.

---

5. Treaty of Nonaggression Between Germany and the Union of Soviet Socialist Republics MOSCOW, August 23, 1939. Disponível em <[http://avalon.law.yale.edu/20th\\_century/nonagres.asp](http://avalon.law.yale.edu/20th_century/nonagres.asp)>. Acesso em: 22/09/2018.

Em maio de 1941 o governo alemão argumentava que a França e a Grã-Bretanha não tinham mais condições de exigir colaboração da Turquia, evocando os termos do triplo pacto, assinado em 1939. Neste contexto, em decorrência das negociações para a assinatura do tratado de amizade e não agressão com a Turquia, o ministro das Relações Exteriores da Alemanha Joachim von Ribbentrop, enviou um telegrama em 17 de maio de 1941 para o embaixador alemão em Ancara, Franz von Papen, com instruções sobre a negociação. Nesta mensagem, Ribbentrop orientou que von Papen argumentasse que o tratado turco-anglo-francês de 1939 teria perdido toda sua substância, pois a França estaria derrotada e mudando para o lado do Eixo e a Grã-Bretanha não teria possibilidade de dar apoio à Turquia. (FO, 1941, No.3, p. 10-11). Ribbentrop também orientou que simultaneamente com o tratado oficial com a Turquia, um tratado secreto deveria ser firmado permitindo aos alemães um trânsito irrestrito de armamento e material de guerra pelo território turco. O objetivo principal deste acordo secreto seria o de transportar material de guerra para o Iraque, o Afeganistão e a Síria (IBID. p.10-11). Ribbentrop também escreveu que, caso von Papen percebesse que os turcos estariam dispostos a concordar com o tratado secreto, deveria prometer a eles uma “correção” de suas fronteiras na região de Adrianópolis e eventualmente a posse de ilhas no Mar Egeu. Para Ribbentrop, o fato de a Grã-Bretanha não poder prestar suporte à Turquia e a justificativa de que a Turquia estaria se autopreservando da “suposta ameaça alemã” e da “real ameaça russa”, garantiriam a assinatura do acordo e a preservação da imagem da Turquia perante o mundo (IBID., p. 12).

Ainda na fase de negociação do tratado, a diplomacia alemã buscava convencer o governo turco de que suas obrigações de mútua assistência definidas no tratado turco-anglo-francês de 1939 não tinham mais validade. Dessa forma, a assinatura de um tratado de amizade e não agressão com a Alemanha garantiria a neutralidade da Turquia. Entretanto, em telegrama,

enviado em 9 de junho de 1941 a von Papen, Ribbentrop dava claras instruções, afirmando que era importante que o governo turco estivesse ciente de que caso cooperasse com a Grã-Bretanha contra a Alemanha, mesmo que de forma indireta, a Turquia automaticamente estaria se colocando em oposição à Alemanha, desta maneira, colocando em xeque a sua neutralidade (FO, 1941, No. 7, p. 25-29). Estas instruções foram dadas em resposta às tentativas da Turquia de negociar uma cláusula no tratado com a Alemanha que permitisse cooperação com a Grã-Bretanha em caso de um ataque infringido por um terceiro ator, como a Rússia ou a Itália. Ribbentrop deixou claro que o tratado não seria assinado se a Turquia demandasse reconhecimento por parte da Alemanha do tratado com a Grã-Bretanha e a França de 1939, ou que demandasse a possibilidade de cooperar com a Grã-Bretanha política ou militarmente (IBID., p. 25-29).

A atitude de Ribbentrop causou suspeitas do governo turco de que a Alemanha estivesse tentando afastar a Turquia da Grã-Bretanha e trazê-la para o lado do Eixo. Em resposta a esta reação, Ribbentrop afirmou que esta impressão dos turcos era falsa e que a Alemanha apenas desejava que a Turquia retornasse à sua neutralidade (FO, 1941, No. 8, p. 30-31). Posteriormente, principalmente durante os preparativos da Operação Fall Blau em 1942, ficou claro que a Alemanha possuía a intenção de fazer a Turquia abandonar sua neutralidade e se juntar ao Eixo.

Após as negociações com o Ministro das Relações Exteriores da Turquia, Mehmet Şükrü Saracoğlu, em 17 de junho de 1941, von Papen comunicou via telegrama secreto ao Ministério de Relações Exteriores da Alemanha, que após compararem os textos das propostas para o tratado, chegaram a um acordo, apenas adicionando ao tratado uma cláusula que definisse que



os instrumentos de ratificação deveriam ser trocados em Berlim o quanto antes (FO, 1941, No. 9, p. 32-31). O tratado de amizade e não-agressão entre Turquia e Alemanha foi assinado em Ancara pelo embaixador alemão para a Turquia, Franz von Papen, e pelo ministro das Relações Exteriores turco, Şükrü Saracoğlu, em 18 de junho de 1941. Este tratado incluiu também uma nota expressando intenção de manter boas relações econômicas entre os dois países. Em 22 de junho de 1941, apenas quatro dias após a assinatura do tratado com a Turquia, a Alemanha agrediu a URSS no âmbito da Operação Barbarossa, rompendo o pacto Molotov-Ribbentrop e iniciando o conflito no Front Oriental. Tal proximidade entre a data da assinatura do tratado turco-alemão de não-agressão e o início da Operação Barbarossa contra a União Soviética comprovou a eficiência da diplomacia alemã no sentido de conseguir manter a Turquia neutra nos Balcãs, de onde uma grande parte das forças armadas alemãs estava se deslocando para o front oriental, e a garantir que a Turquia não concluiria uma aliança militar com a Grã-Bretanha, contra a Alemanha, no momento crucial da invasão da União Soviética.

Com o objetivo de fazer com que a Turquia mantivesse sua neutralidade, os embaixadores britânico e soviético em Ancara informaram, no dia 10 de agosto de 1941, ao governo turco de que seus países respeitariam a inviolabilidade da República da Turquia e estariam prontos para prestar ao país qualquer apoio e assistência necessária na ocorrência de um ataque vindo de qualquer poder europeu (FOX, 1959, p. 30) (MOLDASSOVA e ABDUGULOVA, 2017, p. 419). Em 1942, Winston Churchill afirmou que Franklin Roosevelt compartilharia visões bastante similares quanto à participação da Turquia na Guerra. Por isso, Churchill sugeriu a Stalin que os EUA deveriam se juntar nesta garantia de integridade territorial da Turquia (CORRESPONDENCE, 1942, No. 88).

Em mensagem pessoal de Winston Churchill, recebida por Joseph Stalin em 30 de agosto

de 1941, o primeiro-ministro britânico avisou que enviaria 200 aviões do tipo Tomahawk e que dois esquadrões com 40 caças do tipo Hurricane chegariam a Murmansk<sup>6</sup> até o dia seis de setembro de 1941. Churchill afirmou que os britânicos estariam tentando obter superioridade no espaço aéreo para sua presença na Líbia e para apoiar a Turquia com o objetivo de trazê-la para os Aliados (CORRESPONDENCE, 1941, No. 09). Além disso, Churchill ofereceu a Stalin mais 200 aviões de caça do tipo Hurricane, além de serviços de mecânicos, instrutores e fornecimento de peças sobressalentes. Em resposta enviada em três de setembro de 1941, Stalin agradeceu a oferta de venda dos 200 Hurricane, porém afirmou que estes aviões não seriam capazes de mudar seriamente a situação no front oriental, tanto pela impossibilidade de se utilizar todos simultaneamente e pela escala da guerra que demandaria continuamente uma grande quantidade de despachos de aeronaves, quanto pela deterioração das posições das tropas soviéticas em regiões vitais como Ucrânia e Leningrado (IBID., No. 10). Stalin afirmou que a única forma de superar esta situação desfavorável, seria abrir um segundo front ainda em 1941 em algum lugar dos Balcãs, ou na França, para afastar 30 a 40 divisões alemãs do front oriental, ao mesmo tempo em que deveria suprir a URSS com 30,000 toneladas de alumínio no começo de outubro e pelo menos 400 aviões e 500 tanques (de pequeno ou médio porte) por mês. Stalin reiterou que sem estas ações, a URSS seria ou derrotada, ou perderia a capacidade de dar apoio aos aliados na luta contra as forças de Hitler (IBID., No. 10).

Churchill, enviou então uma nova mensagem para Stalin, recebida em seis de setembro de 1941, afirmando que uma metade das provisões de tanques e aviões seria enviada pela Grã-Bretanha, enquanto a outra metade deveria ser enviada pelos EUA. Porém, Churchill afirmou que não haveria nenhuma possibilidade de abertura de um novo front nos Balcãs sem a ajuda da

---

6. Cidade localizada na região administrativa de mesmo nome no noroeste da Rússia, na baía de Kola, a 12 km do mar de Barents, no Círculo Polar Ártico.



Turquia, que se mostrava pouco propensa a isto, devido ao tratado germano-turco em vigor (IBID., No.11). Churchill, entretanto afirmou que após as forças alemãs e italianas na Líbia terem sido derrotadas, as forças britânicas poderiam se deslocar para o flanco sul da URSS, o que segundo ele, poderia encorajar a Turquia a manter pelo menos uma neutralidade fiel aos aliados.

Em mensagens posteriores, Churchill afirmava que a Turquia gostaria de se juntar aos Aliados, porém, compreensivelmente, se sentiria ameaçada, já que a este ponto, ficava claro que os alemães considerariam qualquer ação do governo turco em apoio à Grã-Bretanha como rompimento do tratado germano-turco (IBID., No. 13). Churchill, porém afirmava que a promessa de fornecimento de consideráveis forças e suprimentos de equipamentos técnicos para a Turquia, por parte da Grã-Bretanha, teria uma influência decisiva sobre o governo turco. Segundo Churchill, o grande “prêmio” no front sul seria a Turquia; se a Turquia passasse para o lado dos Aliados, um exército poderoso se tornaria disponível (IBID., No. 13). Segundo estas conversas, para Churchill, a ajuda mais veloz e efetiva viria se a Turquia pudesse ser induzida a resistir às demandas alemãs pela passagem de tropas pelo território turco, mas seria ainda melhor se a Turquia entrasse na guerra do lado dos Aliados (IBID., No. 14).

### **3 - Posturas da Alemanha, da Grã-Bretanha e da URSS diante da Turquia em 1942**

Em relatório enviado ao Ministério de Relações Exteriores da Alemanha em cinco de janeiro de 1942, o embaixador alemão na Turquia Franz von Papen afirmou que o governo turco havia alimentado esperanças na possibilidade de um armistício entre o Império Britânico e as Potências do Eixo, contanto que os Estados Unidos da América não se juntassem definitivamente aos Aliados (FO, 1942, No. 16, p. 49). Porém, após os ataques a Pearl Harbor em sete de dezembro



de 1941, quando teve lugar o início do conflito entre EUA e Japão e a declaração de guerra das potências do Eixo contra os EUA em 11 de dezembro de 1941, essa possibilidade passou a ser vista como inviável pelo governo turco, que segundo von Papan, recebeu a declaração de guerra das Potências do Eixo aos EUA inicialmente com profunda decepção (IBID., p. 49). De acordo com von Papan, duas situações poderiam fazer com que a Turquia abandonasse a neutralidade em favor de um dos lados:

1º - Se as potências do Eixo sucedessem em garantir uma vitória decisiva na Rússia ainda na primavera [de 1942], penetrassem no Cáucaso e ameaçassem o suprimento britânico de petróleo no Golfo Pérsico. Se esta situação se concretizasse, segundo von Papan, ficaria claro para o governo turco que a coalização entre os EUA e a Grã-Bretanha não conseguiria vencer a guerra na Europa. Tal fato criaria a possibilidade de um armistício, que a Turquia estaria preparada para apoiar com seu aparato militar.

2º - Se ocorresse uma tentativa prematura de induzir a Turquia a assumir uma postura ativa, demandando sua participação na guerra ou demandando o direito de transitar com tropas pelo seu território. Segundo von Papan, uma atitude precipitada neste sentido poderia empurrar a Turquia para o lado contrário. Neste mesmo telegrama, o embaixador von Papan afirma que em conversa com o presidente turco İsmet İnönü, este afirmou que a Turquia estava fortemente interessada na destruição do “colosso russo”, e que nenhuma propaganda ou pressão dos Aliados poderia induzir a Turquia a realizar, mesmo uma ação mínima, contra os interesses alemães (IBID., p. 52).

Segundo von Papan, o presidente turco afirmara que o posicionamento neutro da Turquia

era, naquela ocasião, muito mais vantajoso para o Eixo do que para a Grã-Bretanha (IBID., p. 52-55). De acordo com este relatório, von Papen pressionou o presidente turco İsmet İnönü, afirmando que em uma grande guerra, para defender a Europa do bolchevismo, nenhum Estado Europeu poderia ficar neutro. Após a resposta reticente de İsmet İnönü, von Papen afirmou que se os alemães iniciassem a ofensiva contra o Cáucaso na primavera, uma forte concentração de forças turcas na fronteira com a Rússia seria de grande valor para os alemães (IBID., p. 55). Para o embaixador Franz von Papen, os turcos esperavam qualquer coisa da Rússia e por isso estariam dispostos a apoiar a Alemanha em momento propício (IBID., p.55). Porém, segundo von Papen, quanto mais tempo levasse para que uma vitória decisiva da Alemanha sobre a URSS ocorresse, mais forte seria a tendência de que a Turquia se mantivesse fora do conflito (IBID., p. 52).

### **3.1 - Atentado à bomba contra o embaixador Franz von Papen.**

No dia 24 de fevereiro de 1942, o embaixador Franz von Papen sofreu um atentado à sua vida. Uma bomba explodiu no distrito diplomático de Ancara, porém von Papen escapou ileso. Segundo Tamkin (2009, p.109-110), para o embaixador britânico em Ancara, Hugessen, os soviéticos haviam planejado o ataque para estremecer as relações entre a Alemanha e a Turquia, porém as repercussões do caso, que levou à prisão de dois soviéticos envolvidos no ataque, prejudicou as relações entre a Turquia e a URSS. Um telegrama enviado no dia oito de abril de 1942 pelo embaixador turco em Moscou Ali Haydar Aktay, explicitou a gravidade da situação:

Eu contatei Vyshinsky (Secretário Geral das Relações Exteriores) e o informei que eu havia lido os insultuosos e difamatórios artigos que apareceram nos jornais... ..com grande perplexidade e desgosto...

Os russos definitivamente não estão levando em consideração as relações entre nossos dois Governos. ...Se o julgamento proceder contra eles, eles intensificarão seus ataques sobre nós e talvez irão tão longe a ponto de romper relações diplomáticas. (AKTAY, APUD TAMKIN p. 110 Tradução livre)<sup>7</sup>.

Esta situação trouxe à tona o clima de tensão e desconfiança entre a Turquia e a URSS em 1942.

#### **4 - Operação Brunswick (Fall Blau)<sup>8</sup>, início da Batalha do Cáucaso e reflexos na política externa turca**

Apesar das expectativas colocadas sobre a Operação Barbarossa em 1941, a URSS não havia sido derrotada pela Alemanha, resistiu até o inverno e as forças do Eixo foram sofrendo grandes perdas enquanto atuavam num frio rigoroso, para o qual não estavam preparados. Entretanto, os alemães tentaram um último movimento para tentar conquistar Moscou no âmbito da Operação Tufão, porém, a resistência soviética foi ferrenha, demonstrando que a URSS estava longe de ser derrotada (PIÑERO, 2017, pos. 126-129).

Neste contexto, ainda que as forças do Eixo tivessem resistido ao período do inverno e não tivessem sofrido uma derrota decisiva, suas perdas impediam a renovação de novas ofensivas em todo o front leste. Dessa forma, se concentraram em defender o setor central, atacar no setor do grupo de exércitos do Sul e realizar uma ofensiva limitada por parte do

---

7. I called upon [Deputy Foreign Commissar] Vishinsky and informed him that I had read the insulting and slanderous articles which have appeared in the Newspapers . . . with great astonishment and disgust . . . The Russians are definitely taking no account of relations between our two Governments . . . If the trial goes against them, they will intensify their attacks upon us and perhaps go so far as to break off diplomatic relations.

8. O nome da Operação Fall Blau foi trocado pelo comando militar alemão em 30 de junho de 1942 em Operação Brunswick.



grupo de exércitos do Norte para ocupar definitivamente Leningrado no âmbito da Operação Nordlicht, que também fracassou, devido à resistência soviética (IBID., pos. 134-135).

Em cinco de abril de 1942, o alto comando de Hitler aprovou a Diretriz 41, que determinava as missões fundamentais da campanha de verão de 1942 (Operação Fall Blau). O objetivo fundamental consistia em derrotar definitivamente as forças armadas soviéticas, privando a URSS de seus principais centros econômicos e militares e, portanto, terminar a guerra contra a União Soviética em 1942. (GRECHKO, 2001, p. 8).

O grupo de exércitos Sul, sob o comando do marechal-de-campo von Bock ficou encarregado da operação. Posteriormente este grupo foi dividido em dois, o Grupo A e o Grupo B. O Grupo B atacaria ao norte do Grupo A com o objetivo de chegar ao Don no setor de Voronej e Novaya Kalitya e seguir para o sul entre os rios Don e Volga, até Stalingrado. O Grupo A deveria atacar ao Sul e chegar ao curso inferior do rio Don (IBID., p.41). Hitler tinha como um dos objetivos principais ocupar as zonas petrolíferas do Cáucaso e atravessar a cordilheira caucasiana (IBID., p.25).

Segundo Andrei Grechko: “O comando supremo alemão começou a implementar o plano de ocupação do Cáucaso. Ao receber o codinome de Edelweiss, este plano foi expandido, na Diretiva No. 45 de 23 de julho de 1942, para dar continuidade à ‘Operação Brunswick’” (IBID., p. 45, tradução livre<sup>9</sup>). A Alemanha contava com que a execução deste plano pudesse empurrar a Turquia na guerra contra a URSS (IBID., p. 83)

---

9. The Nazi command now began to implement its plan of capturing the Caucasus. Given the codename de Edelweiss, this plan was expounded in Directive No. 45 of July 23, 1942, on the continuation of “Operation Brunswick”.

No dia 28 de junho de 1942, a Alemanha perpetrou um ataque sobre a primeira linha de defesa soviética utilizando um devastador bombardeio, tanto aéreo, quanto de artilharia, seguindo com o avanço das forças terrestres alemãs. Foi colocada em prática a primeira fase especificada pela Diretriz 41, funcionando como uma operação de cerco em formato de pinça, utilizando o 4º Exército Panzer e o II Exército na ala norte, enquanto o VI Exército atacava pelo Sul e o II Exército Húngaro apoiava o avanço em segunda linha. (PIÑERO, 2017, p.1212-1215). Estas operações foram bem-sucedidas e permitiram que os alemães mantivessem sua ofensiva em direção ao Cáucaso. Após a conquista de Rostov em 24 de julho de 1942, Hitler passou a acreditar que a vitória estava próxima e que a invasão do Cáucaso seria bastante fácil. Desta forma, Hitler redefiniu os objetivos da Operação Brunswick (Fall Blau), ampliando o objetivo da conquista de Maikop, para a conquista de todo o Cáucaso, esperando capturar Baku e Stalingrado simultaneamente (PIÑERO, 2017 Pos. 1730-1734).

Sobre a operação Fall Blau alemã no Cáucaso, Alexander Werth (2015), afirma:

No espaço de um mês, os alemães haviam invadido o Kuban, os confins setentrionais do Cáucaso, as estações termais de Pyatigorsk e Kislovodsk, cravado a suástica no monte Elbrus e chegado ao mar Negro no setor de Novorossiisk. Eles ocupavam Maikop, capital da terceira região petrolífera mais importante do Cáucaso, e se encontravam a menos de 40 km de Grozny, capital da segunda região petrolífera mais importante após Baku. A região de Maikop produzia cerca de três milhões de toneladas de petróleo por ano; Grozny, duas vezes mais. (pos. 127).

Segundo Moldadossova e Abdugulova, (2017, p. 436), os alemães foram bem-sucedidos no norte do Cáucaso no verão e no outono de 1942 e seus exércitos começaram a avançar em direção ao sul, cada vez mais próximos da fronteira turca. Neste contexto, o comando soviético foi forçado a fortalecer o front contra os alemães e simultaneamente tomar medidas defensivas

em um caso de ataque de forças turcas. Em agosto, o General soviético S.M. Shtemenko reportou ao Kremlin sobre a situação e em suas memórias ele declarou:

Quando ficou óbvio que as tropas germano-fascistas penetrariam definitivamente o sul ao longo da costa do Mar Cáspio e através da cadeia do Cáucaso, uma questão inescapável surgiu diante de nós: seus aliados turcos iam apoiá-los? Em meados de 1942, ninguém podia apostar que eles não se manifestariam ao lado da Alemanha (SHEMENKO, apud MOLDASSOVA E ABDUGULOVA, 2017, p. 436, tradução livre<sup>10</sup>)

Sobre a tendência da Turquia se aliar às potências do Eixo dependendo dos resultados na batalha do Cáucaso, Alexander Werth (2015) afirma:

Se os alemães tivessem conseguido furar o cerco até Batumi, a marinha soviética do mar Negro teria sido forçada a fugir para não acabar presa na Turquia, que possivelmente se aliaria aos alemães na esperança de tomar uma parte do território caucasiano, que ambicionava há muito tempo. Mesmo que o resultado da guerra fosse incerto, esse cenário não era desconsiderado; se os alemães tivessem conseguido outra grande vitória no Cáucaso nos meses de agosto e setembro de 1942, a Turquia teria provavelmente feito uma aliança com eles. Os russos tinham de manter, então, como medida preventiva, forças armadas consideráveis na fronteira turca, mesmo que a atitude dos turcos não fosse particularmente provocadora. Em todo caso, é certo que, na época, havia uma grande concentração de tropas turcas na Transcaucásia. (p.127-128).<sup>11</sup>

Após os primeiros momentos bem-sucedidos das forças do Eixo no Cáucaso em setembro de 1942, as tropas russas, porém, imprimiram incríveis resistências no setor de Mozdok e ao norte de Tuapsé. Os russos haviam conseguido bloquear a estrada dos campos de petróleo do Cáspio, dos passos de montanha, assim como o acesso à costa do Mar Negro ao sul de Novorossiisk. Os alemães não conseguiram atingir nenhum objetivo principal no Cáucaso e

---

10. When it became obvious that the German-Fascist troops would definitely penetrate to the south along the Caspian coast and across the Caucasus chain, an inescapable question sharply rose before us: were their Turkish allies going to support them? In mid-1942 no one could vouch that they would not come out on Germany's side.

11. Versão digital EPUB; 204 páginas. Editora Contexto.

em dezembro de 1942, começaram a recuar, sendo perseguidos pelos russos (WERTH, 2015, p.128-131).

Em novembro de 1942, o governo britânico enviou à Turquia considerável quantidade de material de guerra, incluindo 200 tanques vindos do Oriente Médio. Segundo Churchill, se os Aliados conseguissem trazer a Turquia para seu lado da Guerra, poderiam proceder com as operações para abrir uma rota marítima para o flanco soviético no Mar Negro, além de poder lançar fortes bombardeios contra os campos de petróleo da Romênia (que eram vitais para a Alemanha), a partir das bases turcas (CORRESPONDENCE, 1942, No. 88). Naquele momento, a Batalha do Cáucaso ainda não estava decidida, e não era a intenção dos turcos de se comprometerem definitivamente com qualquer um dos lados. A Turquia, portanto, manteve-se neutra.

## **5 - Conferências dos Aliados de 1943 e seus reflexos na Turquia**

Ao longo do ano de 1943, os Aliados realizaram uma série de conferências para discutir as questões da Guerra. Em vários destes encontros, a questão da neutralidade da Turquia foi discutida e negociada entre a Grã-Bretanha, os EUA, a URSS e a Turquia.

### **5.1 - Conferência de Casablanca**

A conferência de Casablanca ocorreu do dia 12 ao dia 25 de janeiro de 1943 em Marrocos. Os principais participantes foram o presidente dos EUA Franklin Roosevelt e o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha, Winston Churchill. A Turquia não teve representantes neste encontro, mas seu



papel na Guerra foi um dos pontos discutidos. Neste encontro, Churchill insistiu na ideia de usar o território turco como base para operações militares, além de estabelecer uma força naval turca no Mediterrâneo. Roosevelt, inicialmente aceitou a ideia de ter a Turquia ativamente envolvida na guerra. Além disso, o presidente dos EUA sugeriu que deveriam ser iniciadas negociações com a Alemanha, caso os alemães se rendessem incondicionalmente.

Esta proposta foi recebida posteriormente pelos turcos com preocupação, já que para eles, o colapso da Alemanha poderia significar uma expansão soviética na Europa. (ALTUNÖRS, 2017, p.3, apud WEISBAND, 1973).

## **5.2 - Conferência de Adana**

Churchill se encontrou com o presidente İsmet İnönü na região de Adana no dia 30 de janeiro de 1943 para tentar convencê-lo a se juntar aos Aliados. O encontro ficou conhecido como a conferência de Adana, ou conferência de Yenice. Tratou-se de um encontro secreto em um vagão na estação de trem de Yenice, próxima à cidade de Adana. Nesta ocasião, Churchill buscou pressionar İnönü a se juntar aos Aliados para que a Turquia ajudasse na luta contra a ocupação nazista dos Balcãs, principalmente na Bulgária. Segundo Churchill, em seu telegrama a Stalin no dia primeiro de fevereiro de 1943, ele não exigiu nenhum engajamento político preciso ou promessa de participação na guerra, porém, em sua opinião, a Turquia entraria na guerra em 1943 (CORRESPONDENCE, 1943, No. 109). Segundo Churchill, os turcos, porém, estavam apreensivos em relação à sua posição após a guerra diante de uma ascensão da URSS como grande potência (IBID., No.109). Esta preocupação dos turcos com a URSS e a sua relação com a Grã-Bretanha também foi percebida e transmitida pela diplomacia alemã em

relatório enviado por von Papen ao Ministério de Relações Exteriores em Berlim em cinco de janeiro de 1942 (FO, No.16, 1942, p.50-51).

De acordo com Nicholas Tamkin (2009, p. 104), apesar da esperança expressada por Churchill após a conferência de Adana, Hugessen, embaixador britânico em Ancara de 1939 a 1944, teve, porém, a opinião divergente da de Churchill, duvidando que os turcos entrariam na guerra ao lado dos Aliados. Segundo Hugessen, havia a suposição falsa de que naquele momento a política externa turca estava caminhando para uma colaboração mais ativa na condução da guerra ao lado dos Aliados. As suspeitas de Hugessen se confirmaram definitivamente na segunda conferência do Cairo no fim do ano de 1943, durante a qual a neutralidade turca foi reafirmada. Contudo, segundo Tamkin, a impressão, de que a Turquia estaria para entrar em guerra, deveu-se a “jogo duplo” dos próprios turcos que estavam dando sinais falsos (IBID. p. 105-106).

Ainda em 1943, a situação do front leste era cada vez mais favorável para os soviéticos que vinham imprimindo importantes vitórias durante a Batalha do Cáucaso. Segundo Alexander Werth (2015):

...em março de 1943, a frente de batalha apresentava um quadro radicalmente diferente e muito mais favorável aos russos que outrora. Não somente a situação militar era bem melhor que em novembro (desde então, 480 mil km<sup>2</sup> de território soviético haviam sido retomados do inimigo), como também era infinitamente melhor que antes da grande ofensiva alemã do verão europeu de 1942. Moscou estava livre da ameaça que pesava sobre ela. A situação em Leningrado havia melhorado consideravelmente; as imensas plantações de trigo do Don e do Kuban haviam sido libertadas sem grandes danos; os campos de petróleo do Cáucaso não estavam mais ameaçados; e agora que o “bolsão de Kursk” havia sido reconquistado pelos russos as condições estavam reunidas para a libertação da Ucrânia. (pos. 132 – 133).



Neste contexto, as vitórias soviéticas na Batalha do Cáucaso foram fatores importantes para que a Turquia mantivesse sua neutralidade.

### **5.3 - Conferência de ministros de relações exteriores em Moscou**

A conferência de Moscou ocorreu do dia 19 de outubro ao dia primeiro de novembro de 1943 e teve como participantes o ministro de Relações Exteriores soviético Molotov, o ministro das Relações Exteriores britânico Anthony Eden e seu homólogo norte americano Cordell Hull. De acordo com Altinörs (2017, p. 3), antes do encontro, o periódico de notícias diário soviético Izvestia, publicou um artigo, onde veiculava a ideia de que a Alemanha se beneficiava da neutralidade turca e que os alemães estavam a salvo nos Balcãs, utilizando o mínimo de poderio militar, o que possibilitava a mobilização de grandes tropas para o front soviético. Stalin entendia que a tolerância britânica e americana com a neutralidade turca impedia que os alemães se enfraquecessem nos Balcãs. O órgão de imprensa soviético insistia na possibilidade de que os armamentos enviados para a Turquia poderiam ser usados contra a Rússia e não contra a Alemanha (IBID., p. 3).

Molotov fez três demandas na Conferência. A primeira seria em relação à abertura do segundo front na Europa em 1944, a segunda – que a Turquia deveria entrar na guerra imediatamente e a terceira – que o espaço aéreo sueco deveria ser utilizado pelos Aliados. Os britânicos apresentaram novamente os obstáculos para que a Turquia entrasse na Guerra e sustentaram que esta decisão cabia ao Estado turco.

Por fim, foi assinado no dia primeiro de novembro de 1943, por Molotov e Eden, um

protocolo secreto, onde ficou definido o objetivo de trazer a Turquia para a guerra até o fim de 1943 e que as bases aéreas e outras instalações turcas fossem utilizadas pelos Aliados. Molotov tentou convencer os EUA a assinar o protocolo, o que não se concretizou naquela ocasião. Porém, em quatro de novembro de 1943, Roosevelt comunicou ao Secretário de Estado Hull a decisão do governo dos EUA de apoiar a ideia de que a Turquia se envolvesse ativamente na guerra, além de afirmar a reivindicação sobre a utilização do espaço aéreo turco por parte dos Aliados (IBID. p. 3).

#### 5.4 - Conferência de Teerã

A Conferência de Teerã ocorreu entre 28 de novembro e primeiro de dezembro de 1943 no Irã. Esta conferência contou com a participação do presidente dos EUA Franklin Delano Roosevelt, do líder da URSS Joseph Stalin, do Primeiro Ministro britânico Winston Churchill e de suas respectivas equipes. As conclusões sobre a Turquia estabeleceram que do ponto de vista militar seria desejável que o país devesse entrar na guerra ao lado dos Aliados antes do fim do ano. Stalin também declarou que se a Turquia estivesse em Guerra contra a Alemanha e a Bulgária a atacasse, os soviéticos imediatamente entrariam em guerra contra a Bulgária. Apesar disso, os soviéticos perceberam nos americanos uma certa antipatia pela ideia da entrada da Turquia na guerra, pois o suporte que esta ação demandaria dos Aliados, poderia prejudicar os preparativos da operação *Overlord*<sup>12</sup> na Normandia. Além disso, os contra-ataques alemães, próximos a Kíev, fizeram com que o apoio soviético à operação *Overlord* se renovasse. Dessa forma, os soviéticos acabaram abandonando seu entusiasmo quanto à participação da Turquia na guerra (TANKIM, 2009 p. 136-137).

---

12. Codinome da operação que previa a batalha na Normandia e se desenvolveu para a execução do chamado “Dia D” em 6 de junho de 1944.

Esta conferência foi importante para o desenvolvimento da questão da neutralidade turca, pois nela ficou clara a preocupação de Roosevelt e Stalin quanto a possibilidade da entrada da Turquia na Guerra. A participação da Turquia na Guerra demandaria mobilizações de tropas e equipamentos dos Aliados para a região do Egeu. De acordo com Altnörs (2017 p.3-4), oficiais militares norte-americanos compartilhavam a ideia de que a participação da Turquia na Guerra não traria benefícios aos Aliados. O General Marshall, da comitiva norte-americana, se opôs ao argumento britânico de que a Turquia defenderia os Estreitos Turcos contra os alemães com seu próprio poderio militar. O Almirante King argumentou que a entrada da Turquia na Guerra causaria o envolvimento dos EUA nas ilhas Rodes no Dodecaneso e em outras vinte ilhas no mar Egeu (IBID. p. 4). Os russos também abandonaram a ideia da participação da Turquia na Guerra, marcando a posição de que apesar da insistência de Churchill, isso não estava próximo de se concretizar (IBID. p. 3-4).

### **5.5 - Segunda Conferência do Cairo – Reafirmação da Neutralidade Turca**

De quatro a seis de dezembro de 1943 aconteceu a Segunda Conferência do Cairo, no Egito, onde se encontraram o Presidente dos EUA Franklin Delano Roosevelt, o Primeiro Ministro britânico Winston Churchill e o Presidente da República da Turquia İsmet İnönü. Segundo o historiador militar Maurice Matloff, nesta conferência, Churchill tinha como objetivo mudar a postura da Turquia, convencendo o presidente İnönü a tomar uma postura de ativa participação na Guerra ao lado dos Aliados. Porém suas conversas com İnönü teriam sido inconclusivas (1959, p.380). Segundo Matloff, os britânicos propuseram uma redução da quantidade de suprimentos enviados à Turquia, porém İnönü, estava relutante, pois desejava ter certeza de que, caso a Turquia entrasse na guerra, ela estivesse suficientemente forte para



defender seu território. Churchill, considerando os preparativos para abertura do Front na Normandia no âmbito da Operação Overlord, concluiu que os recursos necessários e o tempo requerido para atender às expectativas turcas não seriam praticáveis, pois atrapalhariam o andamento da operação.

Ao fim da conferência ficou decidido que a Turquia manteria sua neutralidade. Churchill estava um pouco decepcionado, porém Roosevelt e İnönü conseguiram o que queriam. Roosevelt não queria que as condições para a entrada da Turquia na Guerra atrapalhassem a execução da operação Overlord e İnönü tinha como objetivo principal manter sua neutralidade, não ser alvo de ataques das potências do Eixo, ao mesmo tempo em que prosseguia negociando com estes, levando em consideração, principalmente, a desconfiança em relação à URSS.

## 6 - Conclusões

A política externa da Turquia, durante a Segunda Guerra Mundial, foi marcada por uma disputa por parte da Grã-Bretanha e da Alemanha nazista pelo alinhamento da Turquia. Neste contexto, as pressões diplomáticas foram muito fortes por parte dos dois países. No período de 1941 até 1942, a diplomacia alemã conseguiu afastar a Turquia da perspectiva de se juntar aos Aliados. O afastamento desta possibilidade ocorreu quase que simultaneamente com as vitórias militares da Alemanha nos Balcãs, na agressão contra a União Soviética (Operação Barbarossa), em 1941, e no período inicial da Operação Fall Blau na Rússia em 1942, durante o avanço sobre o Cáucaso e Stalingrado. A situação começou a se reverter após os Aliados começarem a ter vitórias expressivas sobre os alemães e os aliados destes, no front oriental, sobretudo em Stalingrado e no Cáucaso, até que comesçassem a libertar os territórios, ocupados



pela Alemanha e os outros países do Eixo. Isto obrigou a Turquia a se distanciar da possibilidade de uma aliança com a Alemanha e os países do Eixo.

A política externa da Turquia no período pré- e durante a Segunda Guerra Mundial era guiada por um cálculo que levava em consideração, por um lado, a ameaça da guerra, desencadeada pela Alemanha nazista, com uma possível expansão para a Turquia, e por outro, a desconfiança às aspirações hegemônicas em relação ao território turco, tanto do lado britânico, quanto soviético. Para balancear os fatores da ameaça e se manter neutra na configuração de alianças pré-guerra, a Turquia construiu um sistema de tratados de não-agressão e de neutralidade com a União Soviética (1925), a Grã-Bretanha e a França (1939) e a Alemanha (1941).

As relações diplomáticas bilaterais, estabelecidas em três de junho de 1920, entre a Turquia, de Ataturk, e a Federação da Rússia, de Lenin, quando ambos os países eram ameaçados pela Grã-Bretanha e pelos ex-aliados da Entente, lançaram uma base de cooperação entre os dois países, confirmada pela conclusão do tratado de Moscou de amizade e de fraternidade, em 1921, e, sobretudo, pelo tratado bilateral sobre amizade e neutralidade, assinado em 17 de dezembro de 1925. O tratado de neutralidade, prorrogado em 1931 para mais cinco anos e em 1935 para mais 10 anos, assegurou as posturas neutras entre a União Soviética e a Turquia, abrangendo todo o período da duração da Segunda Guerra Mundial.

Apesar da recém-formada República da Turquia ter assinado este pacto de neutralidade com a URSS, as relações bilaterais deterioraram-se, no decorrer da década de 1930 e durante a Segunda Guerra Mundial, de maneira que a Turquia buscou balancear sua aliança com a URSS, estabelecendo relações mais próximas com a Grã-Bretanha. (TAMKIN, 2009 p.3). As relações



pioraram por motivo da disputa pelos Estreitos, que foram administrados, desde a assinatura do tratado de Lausanne (1923), pela comissão internacional, presidida pela Grã-Bretanha. Tal precariedade estratégica deixava descoberta a segurança marítima da União Soviética e de outros Estados litorâneos, porque permitia a passagem ilimitada de navios militares estrangeiros ao Mar Negro. Porém, quando foi concluída a Convenção de Montreux (1936), que fortaleceu o regime de passagem dos Estreitos e colocou a Turquia no seu controle, as reivindicações soviéticas quanto ao regime foram retiradas, porque a Turquia adquiria o direito de banir a passagem pelos Estreitos a qualquer Estado beligerante.

Desde o início da guerra, a política externa da Turquia foi de uma “neutralidade ativa”, uma vez que a Turquia manteve relações próximas dos Aliados, especialmente dos britânicos que persistentemente tentaram induzir a Turquia a assumir uma participação ativa na guerra com a promessa de que proveria suprimentos militares para este fim. Apesar das negociações com a Grã-Bretanha e das conferências com os Aliados, a Turquia conseguiu se manter neutra, evitando cumprir as aspirações dos britânicos, mesmo recebendo suprimentos destes. Por outro lado, a Turquia também manteve relações diplomáticas e econômicas com o Eixo, principalmente com a Alemanha. Além de ter assinado um pacto de amizade e não-agressão com a Alemanha em 1941, garantindo assim a integridade de suas fronteiras, ela continuou exportando minérios para a Alemanha até 1944 e deixando os navios militares alemães transitar pelos Estreitos.

Nutrindo suspeitas com relação à União Soviética, o governo turco externava preocupações com a aliança anglo-soviética, estabelecida no âmbito do acordo sobre ações militares conjuntas contra a Alemanha, de 12 de julho de 1941, e do tratado anglo-soviético de



aliança na guerra contra a Alemanha e seus cúmplices na Europa e sobre a cooperação e ajuda mútua depois da guerra, de 26 de maio de 1942. Para os turcos, era preocupante que no pós-guerra, a Grã-Bretanha e a URSS pudessem estabelecer mandatos na Europa que prejudicassem interesses turcos. Decifragens realizadas pelos serviços de inteligência britânicos entre 1943 e 1944 mostraram que as ambições da Turquia e da URSS quanto à região dos Balcãs eram crescentemente irrecuperáveis (Tamkin, 2009, p. 194).

Entre 1941 e 1942, a Turquia esteve pendendo para o lado do Eixo, acompanhando as ofensivas da Alemanha nazista contra a URSS que se desenvolveram nas sangrentas Batalhas de Moscou, de Stalingrado e do Cáucaso. Porém, depois da derrota alemã em Stalingrado e quando a Batalha do Cáucaso começou a virar para o lado dos soviéticos em 1943, a possibilidade de que a Turquia apoiasse as potências do Eixo ficou diminuta.

Em agosto de 1944, a Turquia, sob a pressão da Grã-Bretanha, rompeu relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha (HOWARD, 1975, apud. ÇALIS, 2017, p. 54). Nos meses seguintes, o governo esforçou-se para conquistar a simpatia da Grã-Bretanha e dos EUA, permitindo que navios britânicos e americanos passassem pelos Estreitos transportando suprimentos para a União Soviética. (IBID., p 54).

Após estes acontecimentos, a Turquia se manteve oficialmente neutra até 23 de fevereiro de 1945, quando, prevendo a derrota do Eixo, decidiu declarar guerra, de maneira simbólica, contra as potências do Eixo, se oficializando, conseqüentemente, como uma nação fundadora da Organização das Nações Unidas.

## **Bibliografia:**

ALTUNÖRS, Mehmet **Turkish Foreign Policy during World War II**. Ankara: Asian Journal of Social Science Studies, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.20849/ajsss.v2i4.224>>.

Acesso em: 25 maio 2018.

ÇALIS, Saban Halis. **Turkey's Cold War: Foreign Policy and Western Alignment in the Modern Republic**. London - New York: I.b. Tauris, 2017. 343 p.

FOX, Annette, **The Power of Small States: Diplomacy in World War II**, University of Chicago Press, Chicago 1959.

GRECHKO, Andrei. **Battle for the Caucasus**. Honolulu, Hawaii: University Press of the Pacific, 2001

MATLOFF, Maurice. **U.S. Army: Strategic Planning for Coalition Warfare, 1943-1944**. Center of Military History, United States Army, Washington D.C., 1990. Library of Congress Catalog Card Number 53-61477. First Printed 1959-CMH Pub 1-4. Disponível em: <<https://history.army.mil/books/wwii/sp1943-44>>. Acesso em: 22/09/2018.

MOLDADOSSOVA A.K. & ABDUGULOVA, B. K. (2017) Relations between Turkey and the USSR at the Beginning of the Great Patriotic War, The Journal of Slavic Military Studies, p. 410-439, Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/13518046.2017.1341773>>. Acesso: 23/09/2018

PIÑERO, Juan Pastrana. **Operación Fall Blau**, 2017 (Spanish Edition). Nowtilus. Edição do Kindle.

RESAT KASABA (Uk). Cambridge University (Ed.). **The Cambridge History of Turkey** Volume 4: Turkey in The Modern World. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. (The Cambridge History of).

TAMKIN, Nicholas. **Britain, Turkey and the Soviet Union, 1940-45: Strategy, Diplomacy and**

Intelligence in the Eastern Mediterranean (Studies in Military and Strategic History. Londres: Palgrave Mcmillan, 2009. 267 p.

SHIRER, William. **Ascensão e Queda do III Reich**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

WERTH, Alexander. **Stalingrado: 1942 - O Início do Fim da Alemanha Nazista**. São Paulo:

### **Documentos:**

SOVIET UNION. MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF USSR ARCHIVES DIVISION.

**German Foreign Offices Documents: German Policy in Turkey**. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1948. 126 p.

FO No. 3, 1941, **German Foreign Offices Documents: German Policy in Turkey**. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1948. 126 p.

FO No. 7, 1941, **German Foreign Offices Documents: German Policy in Turkey**. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1948. 126 p.

FO No. 8, 1941, **German Foreign Offices Documents: German Policy in Turkey**. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1948. 126 p.

FO No. 9, 1941, **German Foreign Offices Documents: German Policy in Turkey**. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1948. 126 p.

FO No. 16, 1942, **German Foreign Offices Documents: German Policy in Turkey**. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1948. 126 p.

**Correspondence** between the Chairman of the Council of Ministers of the USSR and the Presidents of the USA and the Prime Ministers of Great Britain during the Great Patriotic War of 1941-1945. Vol. I. Ministry of Foreign Affairs of the USSR Moscow, 1957. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/correspondence/01/>>. Acesso em

22/09/2018

No. 88, 1942. **Correspondence between the Chairman of the Council of Ministers of the USSR and the Presidents of the USA and the Prime Ministers of Great Britain during the Great Patriotic War** of 1941-1945. Vol. I. Ministry of Foreign Affairs of the USSR Moscow, 1957

No. 09, 1941. **Correspondence between the Chairman of the Council of Ministers of the USSR and the Presidents of the USA and the Prime Ministers of Great Britain during the Great Patriotic War** of 1941-1945. Vol. I. Ministry of Foreign Affairs of the USSR Moscow, 1957

No. 109, 1943. **Correspondence between the Chairman of the Council of Ministers of the USSR and the Presidents of the USA and the Prime Ministers of Great Britain during the Great Patriotic War** of 1941-1945. Vol. I. Ministry of Foreign Affairs of the USSR Moscow, 1957

**Treaty of Friendship Between Germany and Turkey** June 18, 1941. Disponível em: <<http://avalon.law.yale.edu/wwii/turger41.asp>>. Acesso em: 11/06/2018.

**Treaty of Mutual Assistance between His Majesty in respect of the United Kingdom, the President of the French Republic and the President of the Turkish Republic 1939.** Disponível em: <<http://treaties.fco.gov.uk/docs/pdf/1940/TS0004.pdf>>. Acesso em: 26/05/2018.

**Treaty of Nonaggression Between Germany and the Union of Soviet Socialist Republics** MOSCOW, August 23, 1939. Disponível em <[http://avalon.law.yale.edu/20th\\_century/nonagres.asp](http://avalon.law.yale.edu/20th_century/nonagres.asp)>. Acesso em: 22/09/2018.

**Montreux Convention Regarding the Regime of the Straits, 1936,** disponível em: <[http://sam.baskent.edu.tr/belge/Montreux\\_ENG.pdf](http://sam.baskent.edu.tr/belge/Montreux_ENG.pdf)>. Acesso em: 12/09/2019

**Treaty of Moscow, 1921,** disponível em : <<https://www.deutscharmenischegesellschaft.de/>>

wp-content/uploads/2011/01/Vertrag-von-Moskau-16.-M%C3%A4rz-1921.pdf>. Acesso em>  
12/09/2019